

poética proponham traduções criativas’

mesmo fora do meio universitário – se encantam com a poesia das traduções e não se importam com o esforço que precisam ter para sua leitura. Vi jovens poetas incorporando a seu vocabulário expressões de Odorico, influência, portanto, não apenas em modos de traduções mas na criação mesma de poesia original. Que maior homenagem do que essa?

JU – Quais foram, na sua opinião, as maiores contribuições das traduções de Odorico Mendes e o que elas significaram em um país até então com pouca ou nenhuma tradição nesse campo?

Vasconcellos – As traduções de Odorico são um belo exemplo de tradução poética. Aliás, no subtítulo de sua tradução da *Eneida*, Odorico fala em “tradução poética”. Para os classicistas, essas traduções são um objeto interessante de meditação constante: o tradutor pode aprender ali muitas maneiras criativas de verter efeitos poéticos do original latino ou grego. Há elementos das línguas clássicas que um tradutor menos empenhado poderia achar intraduzíveis, como a maior liberdade na ordem das palavras e o ritmo quantitativo do verso, um ritmo dado pela sucessão de sílabas pronunciadas de forma mais longa ou mais breve.

Em vez de dizer que esses elementos são intraduzíveis porque alheios ao português, Odorico procura em português efeitos análogos, muito engenhosos. Por exemplo, um verso do original tem uma sucessão de sílabas longas, em ritmo regular; o tradutor, nesse caso, emprega um ritmo absolutamente regular em português, criando efeito análogo. A mesma coisa para dar impressão de rapidez num ritmo rápido. Cito um pequeno exemplo. Numa passagem da *Eneida*, Virgílio descreve, numa cena de caça, cabras que se precipitam de uma montanha. Essa descrição é precedida de um verso cheio de longas, em ritmo vagaroso; a cena das cabras começa com ritmo rápido, ágil. Para produzir um efeito análogo em português, Odorico recorre a uma sucessão de dissílabos, todos paroxítonos (uma sucessão de tônicas e átonas), com forte repetição do som “p”: “Bravias cabras pelos picos pulam”. Eis um verso muito expressivo; sentimos o movimento dos animais, reproduzido vivamente pelo ritmo e pelos sons... Em vez de desistir do efeito do original porque ele seria intraduzível, Odorico o traduz, com meios diversos, porque são recursos de uma língua diferente, mas com a mesma expressividade e felicidade do original.

JU – O que falta para que a obra e a trajetória do maranhense sejam difundidas? O que vem sendo feito nessa direção?

Vasconcellos – Poucos lêem poesia no Brasil, por isso não tenho esperanças de que a obra tradutória de Odorico atinja um vasto público. Mas acho que as edições anotadas, as récitas, palestras e artigos em revistas criam

Um texto de Odorico Mendes *

Advirto aos meus leitores que não aspiro a dizer coisas novas; dar-me-ei por mui ditoso com dizer coisas boas.

Amor da liberdade é a mais forte das paixões dos homens e funde-se no desejo que tem cada um de se conservar e de empregar sem obstáculos as suas faculdades para se tornar virtuoso. Em todos os corações gravou a natureza este sentimento, quis que fosse aferrado ao seu ser em cada indivíduo da geração humana; a violência, o hábito, a ignorância, a opinião podem algumas vezes afrouxar ou enfraquecer estes laços, mas nada o poderá nunca destruir; este fogo, sufocados às vezes, sempre renascerá das suas cinzas.

O uso que se faz da liberdade é injusto quando transpomos as raías que nos prescrevem as leis, é ilícito quando não se encerra nos limites marcados pelo pacto social. E a sociedade sem dúvida, pode para bem comum circunscrever a liberdade dos seus membros ou regular o exercício dela.

Quando se diz que os homens são livres por natureza, não se quer significar que os homens nascem com uma inteira independência. Em todos os instantes da sua existência são sujeitos às leis que lhes impõe a natureza e a razão, enfim eles são subordinados às leis sociais, que sendo justas, não são mais que a fiel intérprete da natureza e da razão.

O governo, órgão da sociedade encarregada por ela de determinar os limites da liberdade de seus membros, explica-se por meios das leis. Se são justas estas leis, fazem com que os cidadãos gozem de toda liberdade que a natureza e a razão lhes permitem exercer, relativamente as precisões e as circunstâncias da sociedade.

Liberdade é faculdade que tem cada um de fazer para seu bem tudo o que permite a natureza do homem em sociedade. Esta definição é própria para distinguir-se a verdadeira liberdade dessa total e quimérica independência, que nunca foi a partilha do homem; far-nos-há conhecer quanto ela difere da desarrosoada licença, cujo uso seria nocivo tanto a nós como a outros...(extraviado) Cometer ações opostas as leis da natureza e da razão, e por consequência contrária ao fim social, não é mais que um delírio insuportável, que, por interesse geral, se deve reprimir e castigar. Mas por outra parte, quando a lei nos impede que façamos o que a natureza, a razão, o bem da sociedade exigem de nós ou nos permitem, é então injusta e tirânica; exceda o seu poder, visto que toda lei civil tão somente pode aplicar as leis da natureza ou interpretá-las do modo o mais conforme ao bem de cada sociedade.

O bem da sociedade deve ser a medida da liberdade de seus membros. Os homens reunindo-se submetem-lhe suas ações, e se impõe o dever de nunca fazer uso de uma ilimitada independência, nenhum deles consente em ser despojado do direito de fazer o que, sem ofender os outros, possa contribuir para a sua própria felicidade e segurança. Assim, nem a sociedade, nem os seus membros em particular, podem renunciar a liberdade.

Advirto que a palavra independência, de que uso tanto neste artigo, é em diverso sentido daquele, que hoje tem geralmente esta palavra no Brasil: significa neste caso não de fazer o que se quer sem sujeição. Faço esta nota porque esta folha pode ser lida por homens rudes, que confundem os termos; e todos sabem quão necessário é determinar a força e a significação dos vocábulos, mormente quando dizem respeito a coisas tão delicadas.

**Texto publicado em 1825 no periódico Argos da Lei, número 7, e que é interpretado por Patrícia Braga (foto) em récitas*

e continuarão a criar novos leitores e apreciadores de Odorico Mendes, na universidade e fora dela. Durante um bom tempo, essas traduções só estavam acessíveis a uns poucos. O que ainda realmente falta é divulgar Odorico no exterior, já que suas traduções têm uma grandeza que podem atrair o interesse dos leitores e estudiosos dos clássicos, apesar das dificuldades de uma língua relativamente pouco conhecida mundialmente.

Em dezembro, alguns membros do grupo apresentarão comunicações sobre Odorico num congresso em Cuba; vamos ver se conseguimos alguma repercussão. Talvez devêssemos repetir a experiência em outros países. E se pensarmos que Odorico teve uma ligação estreita com a França, onde passou a viver a partir de 1847 até sua

morte em 1864, seria interessante divulgar as traduções nesse país. Aliás, Maurice Druon, o escritor e presidente da Academia Francesa de Letras, é descendente de Odorico.

Seria interessante que o grupo contasse com uma estratégia de divulgação no exterior, além da que já temos, nossa página na internet. Imagino que mesmo sem ter pleno acesso ao difícil texto de Odorico, estrangeiros devem se interessar por informações gerais

a respeito de um projeto sem igual: a tradução integral, em versos, de todo Homero e todo Virgílio!

JU – O que o sr. destacaria no campo da tradução no país?

Vasconcellos – Há muita tradução descuidada em nosso país, e os casos de plágio, recentemente noticiados pela imprensa, são apenas o lado mais extremo disso, mas, ao mesmo tempo, o Brasil conta com excelentes



Integrantes do grupo

- Alexandre Hasegawa (USP)
- André Albino de Almeida
- Aristóteles A. Predebon
- Bianca Morganti (Unifesp)
- Brunno Vieira (Unesp)
- Carolina Alves Ferreira
- Charlene Martins Miotti
- Daniel Rossi
- Giovani Klein
- Isabella Tardin Cardoso (docente)
- Josiane Martinez
- Júlio Maria do Carmo
- Leandro Vendemiatti
- Lucy Ana de Bem
- Maria Célia Nobre
- Mariana Musa de Paula e Silva
- Matheus Trevizam
- Patrícia Braga
- Patrícia Prata (docente)
- Paulo Sérgio de Vasconcellos (coordenador)
- Robson Tadeu Cesila
- Sidney Calheiros de Lima
- Yma Souza de Abreu

tradutores e trabalhos importantes, como o da tradução de Nietzsche por Paulo César Souza, trabalho de filólogo e ao mesmo tempo atento para o estilo do filósofo. Augusto de Campos continua produzindo suas traduções magníficas. Destacaria, na nossa área dos clássicos da Antiguidade, as traduções de nosso colega de IEL, o professor Trajano Vieira, que, na linha dos irmãos Campos e Odorico, tem produzido belas traduções das tragédias gregas. No campo do trabalho mais estritamente filológico, muita coisa interessante se tem feito. Mas o fato mais animador é que várias editoras do país têm publicado traduções dos clássicos. O mercado está aberto. Acho que, considerando as últimas décadas, nunca o momento foi mais propício para o tradutor de obras em latim ou grego antigo. Isso é essencial.

Baú com produção poética se perdeu durante viagem

Manuel Odorico Mendes nasceu em 1799, em São Luís do Maranhão, onde fez seus estudos pré-universitários. Ingressou no curso de Medicina em Coimbra, mas concluiu apenas o de Filosofia Natural; a morte do pai obrigou-o a voltar para o Brasil. Foi um político de renome no Império, destacando-se por sua atuação combativa, liberal e democrata. Escreveu poesia que se perdeu quase toda. É famoso o episódio do baú em que Odorico guardava sua produção poética e que se perdeu durante uma viagem rumo ao Rio de Janeiro. Fundou jornais e colaborou em vários órgãos da imprensa. Em 1847, depois de ter sido duas vezes deputado pelo Maranhão, aposentado do serviço público, mudou-se para a França, onde se dedicou à tradução de Virgílio e Homero. Faleceu em 1864, em Londres, que visitava antes de um planejado retorno ao Brasil em companhia de Gonçalves Dias.

Além de vários artigos em jornais, Odorico é autor de um poema que se tornou famoso em sua época, o *Hino à Tarde*. Como tradutor, Odorico verteu duas tragédias de Voltaire, toda a epopeia homérica (*Iliada* e *Odisséia*) e toda a obra de Virgílio (*Bucólicas*, *Geórgicas* e *Eneida*). A *Eneida* teve uma primeira versão publicada sob o título de *Eneida Brasileira* em 1854; a segunda versão saiu no livro *Virgílio Brasileiro*, de 1858. As traduções de Homero saíram postumamente.

Fonte: Paulo Sérgio de Vasconcellos



“Nunca o momento foi mais propício para o tradutor de obras em latim ou grego antigo”